

CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA ANTIGAS NO PROCESSO EVOLUTIVO DAS TORRES MILITARES, CIVIS E RELIGIOSAS NA CIDADE DE ÉVORA - PORTUGAL

Maria Tereno

Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora

ceuteren@gmail.com

Maria Monteiro

Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora

fmonteiro@cm-evora.pt

Marízia Pereira

Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento do Território, Universidade de Évora

mariziacmdp3@gmail.com

Resumo

No início, as urbes foram construídas com recintos amuralhados para a defesa e, estes sistemas defensivos eram pontuados por torres, cujo objetivo era a observação da área envolvente. Évora é uma cidade de origem remota tendo sido habitada sucessivamente por vários povos, os romanos, os godos e os sarracenos, entre outros. Integra atualmente três circuitos de muralhas: a da Alta Idade Média no período romano-godo-árabe, a da Baixa Idade Média nos séculos XIII/XIV e o conjunto abaluartado construído no período das guerras da restauração, com o sistema Vauban. Nesta cidade existe uma grande diversidade de torres de naturezas diferenciadas que podem ser percebíveis através do diversificado espólio cartográfico e iconográfico representativo da evolução da mesma. O objetivo deste trabalho é analisar os vários tipos de cartografia disponível que foi sendo produzido ao longo dos tempos, de cariz militar, regional, urbana, projeto e iconografia urbana, para perceber a influência da presença das torres no desenvolvimento da cidade.

Palavras-chave: torres, evolução urbana, iconografia, cartografia.

Abstract

In its genesis, the great cities were built with walled enclosures for its defence. These defensive systems were punctuated by towers whose goal would be the observation of the surrounding area. Évora is a city of ancient origin, and was inhabited successively by several people, the Romans, Goths and Saracens, among others. It integrates currently three sets of walls: the Roman-Gothic-Arab period, the Late Middle Ages in the XIII / XIV century, and the bastion built in the period of the wars of the Restoration, with the Vauban system. In this city there is a great diversity of different kinds of towers that can be noticeable for several mapping and pictorial assets representative of its evolution. The objective of this study is to analyse the various types of available mapping that was being produced throughout the ages, military-oriented, regional, urban, urban design and iconography, to realize the influence of the presence of the towers in the development of the city.

Keywords: towers, urban development, iconography, cartography.

1. Introdução

1.1. Localização

A cidade de Évora, de origem muito remota, localiza-se em Portugal continental integrado na Península Ibérica com as coordenadas 38° 34' de latitude norte e 7°54' longitude este. Pertence ao concelho e distrito de Évora e à província do Alto Alentejo (Fig. 1). A figura selecionada integra um atlas de 1570 de *Abraham*

Ortelius (1528-1598), inserido na obra *Theatrum Orbis Terrarum*¹, mapa muito pormenorizado e de um detalhe muito aprofundado mas, em que as fronteiras não estão perfeitamente definidas.



Fig. 1 – Localização de Portugal na Península Ibérica. Mapa de Abraham Ortelius, 1570 in *Atlas Theatrum Orbis Terrarum*. Fonte: abcblogs.abc.es.

1.2. Caracterização biofísica

A região envolvente a cidade de Évora é, de acordo com Feio & Martins (1993), uma peneplanície que a sul é interrompida por relevos de baixa altitude. A oeste da cidade, são os contrafortes do relevo Montemor-o-Novo a Valverde, que chegam até ao alto de S. Bento a uma altitude de 364 m. Na posição oposta encontra-se uma elevação arredondada onde está implantada a cidade (310 m) separada dos relevos anteriores e relacionada com a dureza das rochas eruptivas (granodioritos e quartzodioritos). A este da cidade, segundo os mesmos autores, encontram-se alguns relevos de xistos metamórficos que alcançam cerca de 280 a 290 m de altitude.

Em relação ao estudo do relevo no que respeita ao perímetro da cidade de Évora, constata-se escassa informação e os poucos estudos que existem dizem respeito à periferia. No entanto, no trabalho de Feio e Martins (1993) é dado um contributo sintético.

Évora pertence às bacias hidrográficas dos rios Sado, Tejo e Guadiana, onde as ribeiras do Xarrama, Degebe, Peramanca, Valverde e Viscossa são os principais cursos de água, com regimes irregulares, típicos de um clima mediterrâneo, com invernos húmidos e frescos e verões prolongados, quentes e secos. A paisagem vegetal dominante na região são os carvalhais perenifólios e esclerofíticos, os sobreirais (*Quercus suber* L.) e os azinhais (*Quercus rotundifoliae* Lam.). Na Figura 2 apresenta-se um pormenor do Mapa de *Espana y Portugal* de Forlani, 1560 editado por Bertch, muito pormenorizado, com uma vista do enquadramento geográfico da cidade com a envolvente ondulada.



Fig. 2 – Mapa de Espanha e Portugal Forlani, 1560. Editado por Bertch.

¹ ORTELIUS, Abraham, *Atlas Theatrum Orbis Terrarum*, 1570. Em cartografia este atlas é considerado como o primeiro atlas moderno. Foi editado pela primeira vez em 20 de maio de 1570 na Bélgica em Antuérpia. Mapa de Portugal surge inserido na Península Ibérica.

3. Cronologia das fortificações de Évora

A atual cidade de Évora integra três conjuntos de muralhas de épocas distintas, com características específicas: da Alta Idade Média (período romano, visigótico e árabe), da Baixa Idade Média (século XIV) e da Idade Moderna (sistema *Vauban*, século XVII).

O circuito romano² que remonta provavelmente ao início da era cristã, aquando do domínio romano na Península Ibérica, tinha cerca de 1080 m de perímetro que envolvia o núcleo mais elevado da cidade³. Apresentava as melhores características defensivas, visível ainda hoje em muitos troços, e popularmente designado como a “Cerca Velha”⁴. O segundo circuito começou a ser construído no reinado de D. Afonso IV (aproximadamente em 1350) durante o período em que este residia no paço real eborense e terminou algumas décadas depois no reinado de D. Afonso V. Conhecida como a “Cerca Nova” ou Muralhas Fernandinas⁵ tinha um perímetro de aproximadamente 3500 m de comprimento e abrangia o atual núcleo histórico que está classificado como Património Mundial⁶. Esta muralha tinha na época cerca de 30/40 torres de plantas circulares e/ou quadrangulares com 10 portas e 2 postigos⁷.

Durante e após a Guerra da Restauração contra Filipe IV e nos tempos que se seguiram na luta pela Independência de Portugal, tornou-se necessário reforçar e alterar a configuração da “Cerca Nova” em alguns troços com o sistema *Vauban*.

4.1. Fortificações romanas/visigodas/árabes

O recinto amuralhado mais antigo da cidade remonta provavelmente ao século III da nossa era⁸. Foi uma época de grandes conturbações socioeconómicas consequentes da crescente fragilidade do império romano, e que determinaram a necessidade de proteger os seus habitantes das sucessivas investidas dos invasores. É nesta época que muitas cidades se começam a rodear de recintos amuralhados. No entanto de todo o conjunto que terá existido só chegou aos nossos dias uma série de troços que terão sido naturalmente muito intervencionadas ao longo dos tempos. Seguindo o sentido horário, e numa descrição sumária, mencionando os troços mais relevantes, inicia-se o percurso definido pelo recinto amuralhado romano: a única porta que subsiste até aos nossos dias é a porta de D. Isabel⁹, atualmente conhecida como o Arco de D. Isabel que ainda possui um troço de calçada romana. Em seguida e integrando também o antigo recinto amuralhado, podem encontrar-se troços visíveis no embasamento do Jardim Diana, com silhares de granito de grandes dimensões. Na perpendicular a este troço e com embasamento de silhares semelhantes ao anterior, surge a Torre das Cinco Quinas pertencente ao Palácio Cadaval¹⁰. Existe neste seguimento um troço de assinalar que corresponde ao embasamento e a uma torre pertencente ao Palácio dos Condes de Basto. Continuando o percurso avistam-se as duas torres que definem as Portas de Moura. Mais adiante e para sul, no túnel da Alcárcova de Baixo, está um troço maciço de muralha já intervencionada e que seria parte do antigo recinto¹¹. Continuando encontra-se a Torre da antiga rua da

² FARINHA, Bento José de Sousa. *Colleçam das antiguidades da cidade de Évora*. Lisboa: Na Oficina de Felliipe da Silva e Azev., 1785, p. 57

³ De acordo com LIMA, Miguel Pedroso de, *Muralhas e Fortificações de Évora*. Lisboa: Argumentum, 2004, p. 15, o perímetro aproximado deste conjunto amuralhado rondaria os 1200 metros, circunscrevendo uma área aproximada de 10 hectares.

⁴ BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha. *Évora na idade média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995, p. 40

⁵ Designação que muitos autores não consideram muito exata. No entanto teve um avanço significativo na sua construção no reinado de D. Fernando.

⁶ Classificação atribuída em 1986 pela UNESCO.

⁷ Que consistiam em aberturas na muralha com o objetivo de observação, e como saída de emergência.

⁸ ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora, VII*, Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966, p.5

⁹ PEREIRA, Gabriel. *Estudos Eborenses – História e Arqueologia*. Évora: Nazareth, 1947-1951, p. 141

¹⁰ Considera-se que esta torre de carácter eminentemente militar terá sido torre de menagem do antigo castelo. Cf. LIMA, Miguel Pedroso de. *Muralhas e Fortificações de Évora*. Lisboa: Argumentum, 2004, p. 50

¹¹ Idem, p. 32. O autor sugere mesmo que parte deste troço seria uma torre atualmente com a função de muro de suporte.

Selaria que teria tido também a mesma função de uma das portas da urbe¹². Mais adiante depara-se com o troço de muralha existente na Alcárcova-de-Cima onde se nota uma evidente sobreposição desta a anteriores habitações romanas do século I¹³. Este troço de muralha encontra-se assimilado na parte posterior da casa nobre situada na Rua de Burgos. Na extremidade deste troço, encontra-se uma torre, designada como de Sisebuto e pertencente ao antigo Paço da família Melo de Carvalho. Escavações decorrentes de uma obra em edifícios num imóvel da Rua João de Deus puseram a descoberto um troço desconhecido da muralha entre a torre atrás referida e a Torre do Colégio de S. Paulo¹⁴. Bem próxima desta a torre do antigo convento do Salvador do Mundo, envolvida na mole construída, e elevando-se de forma proeminente no largo do Sertório. Deste recinto amuralhado existe uma planta de Cristóvão Aires com a designação: "Trecho da planta da cidade d'Évora indicando a muralha romana", sem escala,¹⁵ datada de 1902, onde se encontram assinalados o perímetro possível das muralhas e algumas das suas torres (Fig. 3).



Fig. 3 – Planta com a definição do recinto amuralhado romano com as suas torres. Obra de Cristóvão (1853-1930) tem a designação: "Trecho da planta da cidade d'Évora indicando a muralha romana com escala não determinada, [Lisboa: Imprensa Nacional, 1902 - 1 planta: Dimensões; 28,80x40,60 cm. Cota do exemplar digitalizado: cc-129-p2.

4.2. Fortificações medievais

A cidade foi reconquistada aos sarracenos em 1166, com apoio de uma ordem religiosa militar (Templo) – que na época ficaram conhecidos como Freires de Évora, antecessora da Ordem de Avis – e integrada no Reino de Portugal. As minorias religiosas que permaneceram após a reconquista aos sarracenos circunscreveram-se a áreas delimitadas e restritas, no interior das quais teriam alguma autonomia administrativa e religiosa até finais do século XV. Do período temporal referido, poder-se-á afirmar que da ocupação romana subsistiu por um lado uma estrutura urbana essencialmente reticulada resultante da administração vigente e por outro, um circuito quase completo de muralhas e algumas torres defensivas executadas com a técnica romana (Alta Idade Média).

Com a reconquista cristã passariam a ser outros tipos de torres e portas que contribuiriam para a formação e densificação da malha urbana envolvente durante a Baixa Idade Média¹⁶. Habitualmente estas portas eram ladeadas por torres que contribuíram como incentivo à fixação da população ou até de conventos na área envolvente. Posteriormente com a evolução das cidades surgiram outro tipo de torres que funcionavam como habitações fortificadas da nobreza, assim como as torrinhas que tinham um significado simbólico de

¹² Segundo Túlio Espanca esta torre teria a designação de Torre do Anjo, que lhe teria fronteira a Torre do Caroucho, demolida em 1530 por se encontrar em estado de ruína iminente.

¹³ De que são visíveis vestígios de alguns espaços de uma habitação, onde ainda se distinguem alguns frescos nos remanescentes das paredes.

¹⁴ LIMA, Miguel Pedroso de, *Muralhas e Fortificações de Évora*, Lisboa, Argumentum, 2004, p. 22

¹⁵ AIRES, Cristóvão, Lisboa: Imprensa Nacional, 1902

¹⁶ Beirante, Maria Ângela V. da Rocha, *Évora na idade média*, Fundação Calouste Gulbenkian: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995, p. 44

estatuto nobre. Mais tarde com a implantação de inúmeras casas religiosas femininas foram edificadas algumas torres de fresco onde estas poderiam beneficiar de um espaço de lazer com brisas refrescantes e lhes era dada a oportunidade de observar o espaço envolvente. Assim ao longo dos séculos, o tipo de torres foi sendo alterado tendo em conta a cultura da população residente, determinante para o desenvolvimento urbano da cidade. Posteriormente, o povo godo, oriundo do norte da Europa, dominou a cidade. Devido aos conhecimentos técnicos rudimentares e disponibilidade material limitada, apenas se consolidaram tais estruturas, reutilizando possivelmente as ruínas de antigos edifícios pré-existentes. Quanto à malha urbana certamente sofreu alterações e na ocupação seguinte, os sarracenos provenientes de um ambiente diferente, de territórios com climas quentes e ou desérticos, implementaram alterações drásticas nos espaços urbanos, públicos e privados, donde se destacam alguns exemplos: os arruamentos que passaram a ser progressivamente mais sinuosos buscando o ensombramento e as casas mais intimistas e construídas em redor de espaços ajardinados interiores, onde o pátio central está presente. A religião muçulmana impunha que as mesquitas tivessem minaretes para o chamamento à oração e, provavelmente, a área em redor destes complexos religiosos seriam edificadas contribuindo para a fixação da população. O progressivo desenvolvimento de arrabaldes e a fixação de casas religiosas exteriores ao recinto amuralhado romano/visigodo/árabe determinaram a construção de uma estrutura defensiva que englobasse estes conjuntos¹⁷.

Esta nova cintura de muralhas de alvenaria de granito irregular que apresenta cunhais em silhares de granito aparelhado é descrita de forma muito objetiva na legenda da “Planta do Recinto e Fortificação de Évora, cerca de 1856, possivelmente em elementos extraídos da obra “Évora Ilustrada” de 1703, do Padre Manuel Fialho: “Compreendia em tempo o âmbito de 3452 passos na forma seguinte: da Porta de Aviz á do Moinho de Vento 416: d’esta á da Traição 154: d’esta á de Machede 262: d’esta á de Mendo Estevens 190: d’esta á da Mesquita 370: d’esta á do Rocio 370: d’esta á do Raymundo 488: d’esta á de Alcousel 300: d’esta á da Lagõa 532: e d’esta á de Aviz 370 passos”¹⁸. Este novo perímetro amuralhado era, pois, constituído por um conjunto de novas portas, normalmente ladeadas de torres, a saber: Portas de Aviz, da Traição, de Machede, de Mendo Estevens, da Mesquita, do Rossio, do Raimundo, de Alconchel, e finalmente a da Lagoa (Fig. 4). Este perímetro medieval amuralhado está bem documentado no foral concedido à cidade por D. Manuel em 1 de Setembro de 1501, onde estão identificadas algumas das portas da cidade de então, bem como as torres que as ladeavam (Torre de Alconchel). Do perímetro desta muralha desapareceram quatro portas, a do Moinho de Vento e a da Traição pela edificação dos *Collegiaes* da Purificação e a do Espírito Santo. Não são visíveis as portas de Machede devido à construção do forte com a mesma designação e ainda a da Mesquita¹⁹ por estar próxima da dos Mouros.



Fig. 4 – Extrato do Foral Manuelino da Cidade de Évora mostrando o seu recinto amuralhado. Fonte: Câmara Municipal de Évora.

¹⁷ RIBEIRO, Maria do Carmo. MELO Sousa Arnaldo, O papel dos sistemas defensivos na formação dos tecidos urbanos (Séculos XIII-XVII), *Evolução da paisagem urbana transformação morfológica dos tecidos históricos*, Coord. RIBEIRO, Maria do Carmo. MELO Sousa Arnaldo, Braga: CITCEM, 2013, p. 187

¹⁸ FIALHO, Padre Manuel. “*Évora Ilustrada*” 1703- (BPE, Cód. CXXX /1,8, Tomo I, fl.304-304v.)

¹⁹ LIMA, Miguel Pedroso de. *Muralhas e Fortificações de Évora*, Lisboa, Argumentum, 2004, p. 67

4.3. Fortificações do século XVII (Sistema Vauban)

O último recinto amuralhado deveu-se à defesa empreendida pelos portugueses contra Felipe IV, para a obtenção e manutenção da Independência, num período bastante alargado entre 1640 e 1668. Nos projetos de edificação deste recinto estiveram envolvidos alguns engenheiros militares²⁰ de renome, como *Charles Lassart*, *Jean Gillot* no período de 1642, a quem se seguiu *Nicolau de Langres* entre 1648-1660, com a sua proposta de intervenção para Évora (Fig 5²¹). Seguiu-se *Bartelomy Zanit* e *Pierre de Saint Colombe* no período de 1657 a 1663. Mais tarde sucederam-lhes *Simão Joquet* e *Jean Brivois*, e finalmente o artista que era apoiado pelo Mestre de Campo General Conde de *Shomberg*, *Allain Manesson Mallet* (1666). Deste salientam-se as figuras 6 e 7 onde se pode ver uma estampa e seu pormenor extraídos da obra *Les Travaux de Mars* ou *L' Art de la Guerre*, tomo I²². Nesta figura surge a planta de Évora com a cintura amuralhada, encimada por uma imagem representativa da cidade onde se vislumbram as muralhas e os baluartes do Príncipe e do Conde de *Lippe*. Na figura 8²³ podemos observar um desenho mais generalista do mesmo autor, representando uma fortificação, um perfil ou corte de terreno onde esta se implantaria.

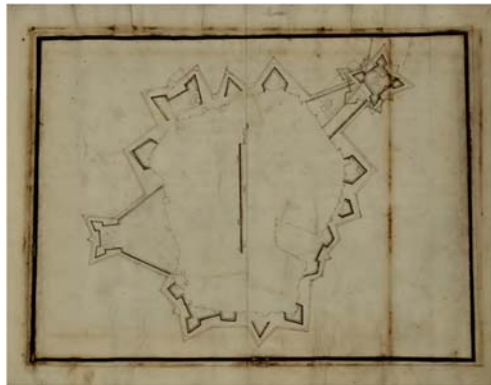


Fig. 5 – Representação do recinto amuralhado numa proposta de Nicolau de Langres. Fonte: Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General Nicolao de Langres Francez que serviu na guerra da Acclamação [Ca 1661]. - [58] f., enc. : 57 desenhos e plantas ; 36 x 48 cm. Cota do exemplar digitalizado: cod-7445

Contudo, os planos definitivos da fortificação de Évora foram elaborados pelos engenheiros Barão de *Silincourt*, engenheiro-mor do Alentejo e pelo capitão engenheiro D. Diogo Pardo de Osório. As posteriores retificações aos anteriores traçados foram propostas pelo cosmógrafo-mor e tenente general de artilharia Luís Serrão Pimentel, que foram aprovadas pela Junta dos Três Estados do Reino em 1660²⁴. Mais tarde, foi criado em documento de 20 de Abril de 1682, o Regimento da Fortificação da Cidade de Évora²⁵ assinado pelo Príncipe Regente D. Pedro, cujo contributo para a finalização da fortificação foi muito significativo. Esta, no seu projeto definitivo, chegou intacta ao início do séc. XIX e só foi alterada, por algumas demolições determinadas pelos sucessivos arranjos urbanísticos no decurso do desenvolvimento desta urbe. Dos baluartes construídos passamos a referir: os do Castelo Novo (Castelo Manuelino, atualmente na posse do exército), o de Nossa Senhora de Machede, o dos Apóstolos, o de São Bartolomeu, o do Príncipe, o do Conde de *Lippe*, o do Picadeiro, o do Assa, e os fortes de Santo António e dos Penedos. Este conjunto de fortes e baluartes completavam a defesa eficaz do perímetro urbano de então ²⁶. Existem

²⁰ ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora, VII*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966, p.5

²¹ LANGRES, Nicolau, *Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General Nicolao de Langres Francez que serviu na guerra da Aclamação* (Ca 1). – (58) f. enc. : 57 desenhos e plantas; 36x 48 cm.

²² MALLET, Allain Manesson . *Les Travaux de Mars ou L' Art de la Guerre*. Paris: Denys Thierry, 1661, p.321

²³ LE PREVOUST, Etienne, *L'abregé de l'art de la guerre, ou l'architecture militaire, contenant les six ordres militaires du comte de Pagan, le chevalier de Ville, Manesson Mallet, Errard, Methode de renforce, les nouveaux sistemes de Monr de Vauban, avec les plans qui montrent l'offensive, la defencive et les instrumens de l'art de la guerre*, par Le Prevost, Havre, 1704, p. 44

²⁴ Idem, p. 5

²⁵ Documento que regulamenta a construção do recinto amuralhado da cidade de Évora. In "Miscelânea" 1499/1750, Manuscritos da Livraria 1280/1900, PT/TT/MSLIV/1634/00058

²⁶ LIMA, Miguel Pedroso de. *Muralhas e Fortificações de Évora*, Lisboa, Argumentum, 2004, p.85

diversas representações cartográficas de várias épocas com a cidade já rodeada pelas novas construções (Fig. 9). De salientar um mapa de Pedro Teixeira Albernaz (1595-1662) com o título *Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinan con su frontera...* / onde para o mapa de Portugal se encontra rodeado pelas suas principais praças fortes²⁷. De interesse referir também a obra *Praças-fortes em Portugal*²⁸, sem autor e sem data definida, situada talvez entre 1680 e 1690, onde a praça-forte de Évora aparece representada em preto e branco, com o circuito amuralhado e onde estão integrados os fortes de S. António e dos Penedos (Fig. 10).



Fig. 6 – Representação da cidade de Évora, em planta e numa vista perspectivada. Desenho de MALLET, Allain Manesson . *Les Travaux de Mars ou L' Art de la Guerre*. Paris: Denys Thierry, 1661, p. 321



Fig. 7 – Vista perspectivada num pormenor da gravura anterior. Desenho de MALLET, Allain Manesson . *Les Travaux de Mars ou L' Art de la Guerre*. Paris: Denys Thierry, 1661, p. 321

²⁷ ALBERNAZ, Pedro Teixeira. *Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinan con su frontera...*; A. Coquart. - Escala [ca. 1:870000], Quinze Lieües d'Espagne [18 ao grau] = [10,70 cm]. - A Paris: Chez N. de Fer, 1705-1716. - 1 Mapa, 12 plantas.

²⁸ Sem autor, *Praças-fortes em Portugal*, entre 1680 e 1690? com [16] f.: totalmente ilustrado. Com 14 gravuras água-forte e buril, p&b; 19x28 cm.

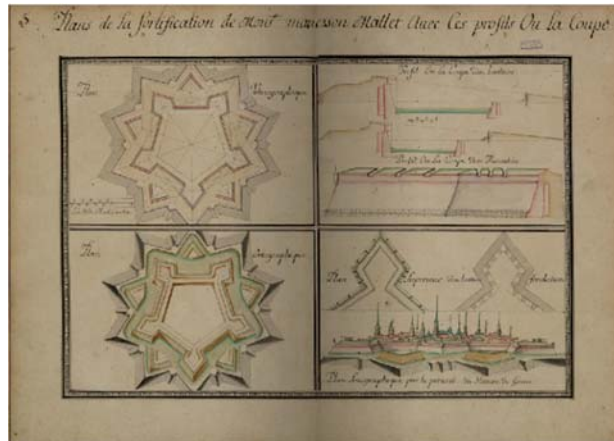


Fig. 8 – Num desenho de Allain Mallet, podem observar-se vistas de possíveis fortificações, bem como perfis e perspectivas. LE PREVOUST, Etienne, *L'abregé de l'art de la guerre, ou l'architecture militaire, contenant les six ordres militaires du comte de Pagan, le chevalier de Ville, Manesson Mallet, Errard, Methode de renforce, les nouveaux sistemes de Monr de Vauban, avec les plans qui montrent l'offensive, la defencive et les instrumens de l'art de la guerre*, Manuscrit 273, Havre, 1705, p. 44.



Fig. 9 – Mapa de Pedro Teixeira de Albarnaz (1595-1662), onde está representado Portugal, rodeado pelas praças-fortes mais relevantes. Fonte:BNP. Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinan con su frontera... / Delineada por D. Pedro Teixeira ; P. Stark-man sculpsit ; A. Coquart. - Escala [ca. 1:870000], Quinze Lieües d'Espagne [18 ao grau] = [10,70 cm]. - A Paris : Chez N. de Fer, 1705-1716. - 1 mapa, 12 plantas : Traçados a cores ; 80,00x46,00 cm, em folha de 116,50x81,50 cm. Cota do exemplar digitalizado: cc-902-r.

Também de interesse, apesar de bastante semelhante à anterior existe a representação de A. Coquart, com a fortificação de Évora, datada de 1705²⁹. A fortificação de Elvas aparece representada a par da de Évora (Fig. 11). De data posterior, mas pouco definida, situada talvez entre 1648?-1709? o mapa de Carel Allard, com a região sul do país aguarelada e na cartela inferior do mapa um conjunto de fortificações onde

²⁹ COQUART, A. *Elvas; Évora* / Sr. de Fer ; sculp.. - [Escala não determinada]. - A Paris, dans l'Isle du Palais a la Sphere Royale : Chez le Sr. de Fer, avec privilege du Roy, [1705]. - 2 Plantas : gravura, p&b; matriz: 26,20x36,20 cm, em folha de 29,20x42,00 cm, Cota do exemplar digitalizado: cc-133-p2

se inclui Évora³⁰(Fig.12). Importa referenciar um mapa da cidade eborense de grande beleza e muito pormenorizado, onde é notório o recinto amuralhado completo e as torres diferenciadas (Fig.13). Referimo-nos à Planta da Cidade de Évora, sem escala determinada e sem data muito definida podendo situar-se entre 1750 e 1790?³¹. De mencionar ainda o mapa executado por Gaspar Baillieu (Fig. 14), onde Portugal encontra-se rodeado nas suas margens laterais por diversas fortificações nacionais. Sensivelmente de época coeva existe de José Monteiro Carvalho, a “*Carta Geográfica da Província do Alentejo que a S. Magestade Fidelissima e Augustissima Senhora D. Maria I e Raynha de Portugal oferece o Sargento-mor Engenheiro Jozé Monteiro de Carvalho de 1750-1780*”. Nesta carta, surge a província do Alentejo rodeada por uma cartela onde estão representadas as praças-fortes portuguesas mais relevantes, e onde se insere a de Évora (Fig. 15)³².

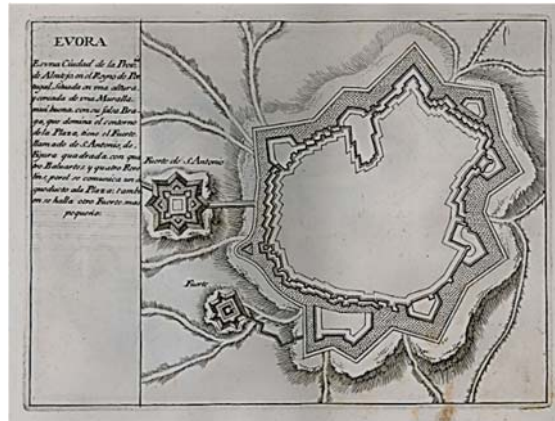


Fig. 10 – Este mapa integrado na obra *Praças-fortes em Portugal*, mostra a cintura amuralhada da cidade onde estão também incluídos os Fortes de Santo António e dos Penedos. Fonte: BNP. - [S.l. : s.n., entre 1680 e 1690?]. - [16] f. : totalmente ilustrado, 14 gravuras água-forte e buril, p&b; 19x28 cm. Cota do exemplar digitalizado: ea-214-p.



Fig. 11 – Vistas das Praças-fortes de Elvas Évora executadas por A. Coquart . Fonte BNP.Sr. de Fer ; sculp.. - [Escala não determinada]. - A Paris, dans l'Isle du Palais a la Sphere Royale : Chez le Sr. de Fer, avec privilege du Roy, [1705]. - 2 Plantas: gravura, p&b; matriz: 26,20x36,20 cm, em folha de 29,20x42,00 cm. Cota do exemplar digitalizado: cc-133-p2

³⁰ ALLARD, Carolo, *Portugalliae meridionales plagae : geo-hydrographice descriptie* . Escala [ca 1:720000], 1648?-1709

³¹ Planta da Cidade de Évora. - [Escala não determinada] [entre 1750 e 1790?]. - 1 Planta: ms. tinta-da-china e aguadas várias cores; 37,5x46 cm em folha de 38,8x48 cm

³² CARVALHO, José Monteiro de, *Carta geográfica da Provincia do Alentejo que A S. Magestade Fidelissima e Augustissima Senhora D. Maria I e Raynha de Portugal oferece o Sargento-mor Engenheiro Jozé Monteiro de Carvalho*. - [Escala não determinada] [entre 1777 e 1780?]. - 1 Mapa: manuscrito, p&b; 133x95, Cota do exemplar digitalizado: d-157-r

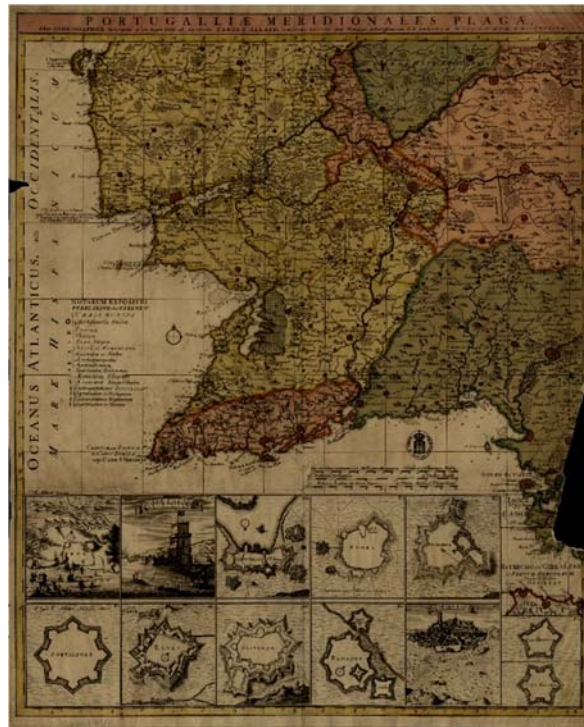


Fig. 12 – Mapa representando o sul de Portugalde Carolo ALLARD (1648?-1709?), com a designação de *Portugalliae meridionales plagae : geo-hydrographice descriptie*, onde na cartela da parte inferior do mesmo se encontram representadas algumas fortificações, onde se salienta a de Évora. Escala [ca 1:720000]. Fonte: BNP, Cota CC-1385-A).

Dos baluartes referidos conservam-se ainda bem visíveis na malha urbana o Castelo Novo, os vestígios do dos Apóstolos, as ruínas do de São Bartolomeu e da ermida, o do Príncipe onde se encontra a Mata do Jardim Publico, o do Conde de Lippe, no local que foi a porta do Rossio, o do Picadeiro na envolvente do Quartel dos Dragões³³ (Figs. 16 e 17), o do Assa de que existem ainda alguns vestígios perceptíveis. No que respeita aos fortes, o de Santo António ainda se encontra com a sua traça original sem adulterações e o dos Penedos foi demolido.



Fig. 13 - Planta da Cidade de Évora, sem escala determinada e sem data muito definida podendo situar-se entre 1750 e 1790? O grau de pormenorização é muito minucioso, quer a nível da representação das fortificações quer mesmo de toda a sua envolvente, vendo-se mesmo a diferenciação dos campos agricultados.

³³ Desenho com a representação do Baluarte do Picadeiro e de um projeto para um coletor adossado a esse baluarte. Arquivo História Militar. A primeira figura datada de 1908 e a segunda de 1931.



Fig. 14 - José Monteiro de CARVALHO (1750-1780) executou esta belíssima planta da província do Alentejo, e como era corrente na época, cercou o mapa pela sfortificações mais significativas. A designação do mapa é: Carta geográfica da Provincia do Alentejo que A S. Magestade Fidelissima e Augustissima Senhora D. Maria I e Raynha de Portugal oferece o Sargento-mor Engenheiro Jozé Monteiro de Carvalho. - [Escala não determinada] [entre 1777 e 1780?]. - 1 Mapa: manuscrito, p&b ; 133x95 cm. Fonte: BNP. Cota do exemplar digitalizado: d-157-r.



Fig. 15 – Neste mapa executado por *Gaspar Baillieu*, Portugal encontra-se rodeado nas suas margens laterias por diversas fortificações nacionais. O mapa tem a designação: *Le Portugal et ses Frontières: Levée sur les lieux par ordre de Philippe IV, Roy d'Espagne, augmenté et corrigé sur de nouveaux mémoires / Par G. Baillieux ; Dédié au Roy par son très humble et très obéissant serviteur et sujet Gaspar Baillieu Ingenieur et Geogr.* – 1735. Fonte: Biblioteca Nacional de França.

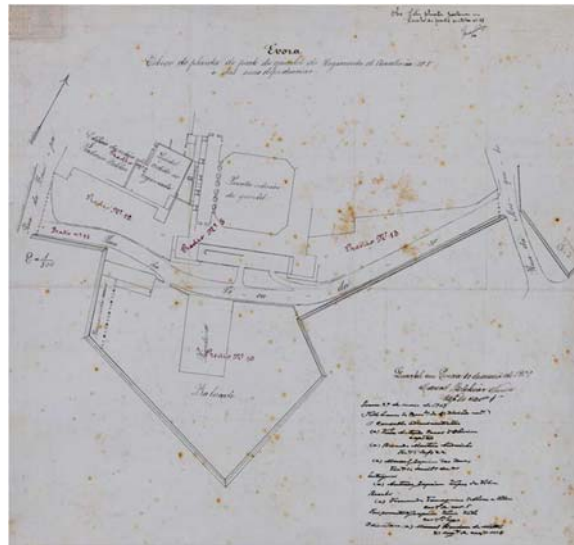


Fig. 16 – Alterações a realizar no baluarte do Picadeiro em 1908. Fonte: Arquivo História Militar.

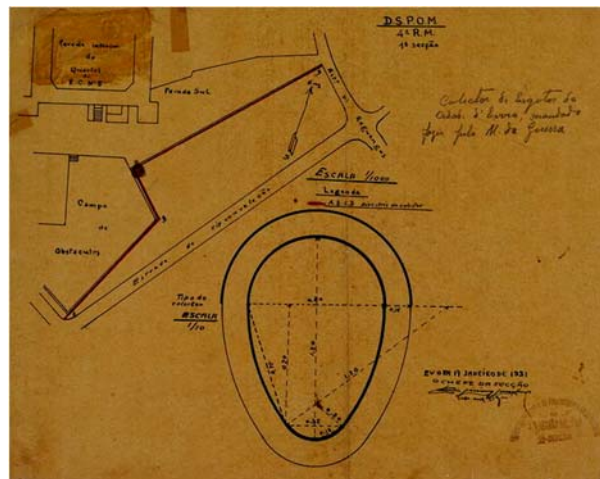


Fig. 17 – Projeto para um coletor adossado ao Baluarte do Picadeiro, num desenho de 1931. Fonte: Arquivo História Militar.

5. Tipologias de torres eborenses

Os circuitos amuralhados eram constituídos por torres edificadas com plantas diversificadas (poligonal, circular ou quadrada (Fig. 18), que poderiam ser classificadas de acordo com a sua função, isolamento ou integrando um conjunto³⁴.

De entre o conjunto de numerosas torres que definem o sky-line da cidade, podemos considerar três tipologias diferenciadas que estão assinaladas na figura 19.

³⁴ De acordo com ESCUDERO, LP. *Dicionário Visual de Arquitetura*. Lisboa: Quimera, 2014



Fig. 18 – Desenho de Allain Mallet representando diferentes tipologias construtivas de fortificações. Fonte: *Les Travaux de Mars ou L' Art de la Guerre*. Paris: Denys Thierry, 1661, p.47.

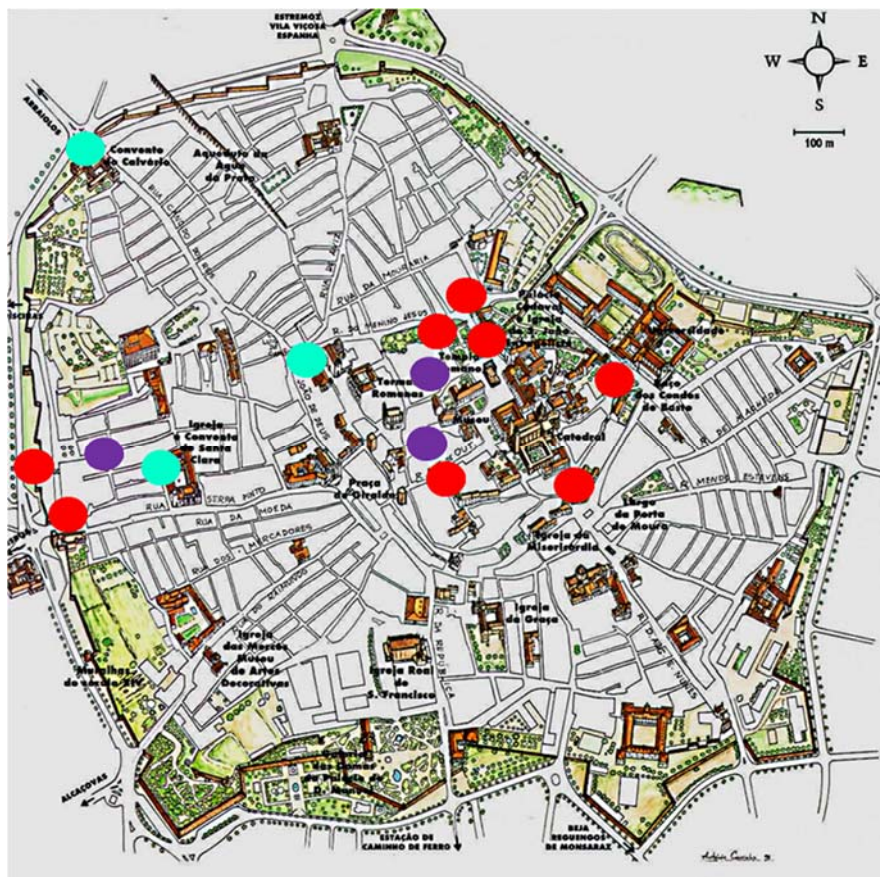


Fig. 19 – Planta da cidade de Évora, tendo assinaladas as três tipologias de torres consideradas. A azul as Torres religiosas, a vermelho as militares, e a roxo as civis. Fonte: A base do desenho é de António Couvinha. C.M.E.

5.1. Torres Militares

Até à Idade Média, o equipamento defensivo de tiro existente reduzia-se a engenhos relativamente simples cujo elemento propulsor era a força consequente da flexão ou torção designada como neurobalística. De entre estes engenhos de guerra salientam-se o arco, a besta, a catapulta, entre outros. Os projéteis assim lançados procuravam atingir o inimigo em altura, necessitando-se para essa finalidade como elementos

defensivos, construções bastante elevadas³⁵. Posteriormente já em meados do século XIV teve início a utilização da pólvora como força propulsora, dando lugar a uma nova “tecnologia de guerra” a pirobalística³⁶ (Fig. 20), permitindo o desenvolvimento de novos tipos de armas de que se salientam o canhão e mais tarde armas de fogo portáteis como o arcabuz, o mosquete e a pistola. É a alteração do paradigma da guerra e a passagem da neurobalística à pirobalística que vai determinar alterações na arte da guerra e que tem consequências nos sistemas defensivos e determina alterações na arquitetura militar. Um dos aspetos mais relevantes é o caso das torres que progressivamente vão sendo substituídas pelos baluartes e os edifícios deixam de crescer em altura para se desenvolverem na horizontal³⁷.

Integrava a muralha mais antiga e a medieval³⁸, um conjunto considerável de construções deste género e da sua evolução temporal, que permitiu acompanhar o progresso do armamento utilizado em cada época (Fig.20). As torres militares mais antigas situam-se na designada muralha romana e a continuidade da utilização de torres como elementos defensivos associadas às portas da cidade mantêm-se na cintura medieval de fortificações. No cômputo das torres militares incluem-se a Torre das Cinco Quinas, a quadrangular (ambas particulares), a do Sertório³⁹ (Fig. 21) (organismo público), a do Palácio dos Condes de Basto ou dos Capitães (Fig. 22) (particular), as das Portas de Moura (Fig. 23) (uma particular outra pertencente a um banco), a do Sisebuto (particular), a do Anjo (particular) a dos Falcoeiros (particular) (Fig. 24) e a de Alconchel (organismo público) e a torre que existiu sobre o Templo romano⁴⁰ (Fig. 25). De entre estas torres salientam-se:

- Torre de Sisebuto – quadrangular que, pelas suas características e método construtivo pode ser atribuível à cerca romana. Localiza-se no gaveto entre as ruas Nova e Alcárcova-de-Cima. Foi, naturalmente intervencionada em diferentes épocas e os silhares que apresenta na vertical vão sendo diferenciados, atestando diversas épocas de construção (Fig. 26).

³⁵ BARROCA, Mário Jorge. *D. Dinis e a arquitetura militar portuguesa*, Revista da Faculdade de Letras, História. Porto, II Série, Vol. XV, Tomo I, 1998, p. 51. Este autor distingue entre defesa passiva, toda a que foi feita até ao período românico, à defesa ativa com início no período gótico, ou seja a partir do século XIII.

³⁶ LE PREVOUST, Etienne, *L'abregé de l'art de la guerre, ou l'architecture militaire, contenant les six ordres militaires du comte de Pagan, le chevalier de Ville, Manesson Mallet, Errard, Methode de renforce, les nouveaux sistemes de Monr de Vauban, avec les plans qui montrent l'offensive, la defencive et les instrumens de l'art de la guerre*, Manuscrit 273, Havre, 1704, p. 28, onde se podem observar algumas das armas coevas, incluindo canhões.

³⁷ MALLETT, Allain Manesson. *Les Travaux de Mars ou L' Art de la Guerre*. Paris: Denys Thierry, 1661, p. 47. É interessante observar nesta imagem as diferentes tipologias de fortificações preconizadas por Mallet.

³⁸ Idem, p.51

³⁹ BARATA, António Francisco. *Évora Antiga*. Évora: Minerva Commercial de José Ferreira Baptista, 1909, p. 192, onde refere que esta torre terá integrado o castelo antigo, e nela terá colocado um moinho de vento, o inventor português em 1497.

⁴⁰ Este templo serviu em tempos idos como torre integrada no castelo velho. Mais tarde foi reutilizada como açougues. Trata-se de um edifício que teve uma multitude de utilizações.

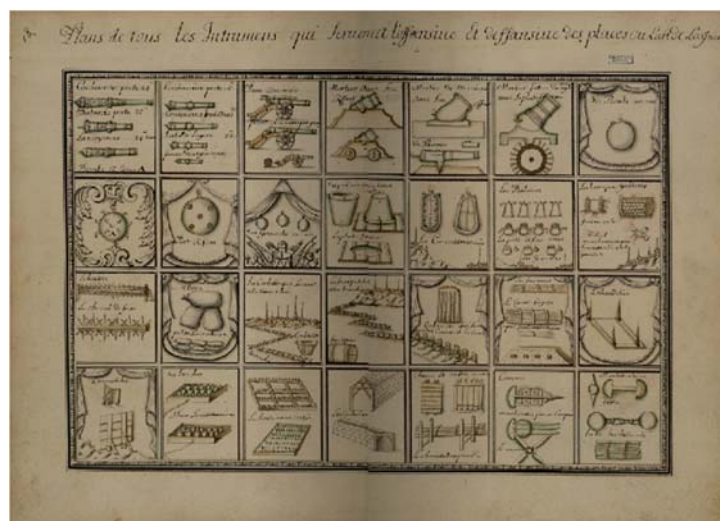


Fig. 20 – É interessante ver nesta imagem algumas representações do armamento então utilizado. Fonte: LE PREVOUST, Etienne, L'abregé de l'art de la guerre, ou l'architecture militaire, contenant les six ordres militaires du comte de Pagan, le chevalier de Ville, Manesson Mallet, Errard, Methode de renforce, les nouveaux sistemes de Monr de Vauban, avec les plans qui montrent l'offensive, la defencive et les instrumens de l'art de la guerre, Manuscrit 272, Havre, 1704, p. 44.



Fig. 21 - Torre do Palácio dos Conde de Basto ou Torre dos Capitães.



Fig. 22 – Torre de Sertório – incluída no perímetro do Palácio dos Condes de Basto.



Fig. 23 – Torres das Portas de Moura, que ladeavam as portas do mesmo nome.



Fig. 24 – Torre dos Falcoeiros, próxima da torre da Porta de Alconchel.



Fig. 25 – Templo Romano – que após a sua função inicial de templo passou a ter a função de torre militar, posteriormente à qual foi utilizado como açougue. Fonte: Viver Évora: Janeiro 2015



Fig. 26 – Torre de Sisebuto integrada na cerca mais antiga.

- Torre de Alconchel⁴¹ – as duas torres (figs. 27 e 28), com acesso pela Rua Serpa Pinto, n.º 4, são exemplos de construção defensiva que, embora alterada no seu conjunto, possui em alguns troços, o seu traçado original. Uma das torres constituía a Porta de Alconchel, que remonta ao século XV e cuja designação em árabe queria dizer torre coroada por coruchéus, com a particularidade, pouco comum de integrar um reduto defensivo. O espaço também funcionou em época determinada, como cadeia da cidade. A outra torre que completa o conjunto é de dimensões muito reduzidas, tornando muito saliente a primeira;
- Torre dos Falcoeiros – tem a entrada pela rua dos Penedos, nº13 (particular). De secção quadrangular está parcialmente integrada na construção adjacente.
- Torre da Porta da Selaria – ou a do Anjo apresenta base quadrangular, com 9 m de lado e 13,5 m de altura e a porta a ela associada era designada como Porta da Praça Grande que teria 4,5m de largura. Tinha 4 pisos e embasamento com grandes silhares de granito (Fig.29), ladeada por outra torre que foi demolida em 1530⁴².
- Torre das Cinco Quinas – trata-se de uma torre de grandes dimensões de secção pentagonal irregular, cujos panos de parede revelam as diferentes épocas que atravessou, integrando o designado Castelo Velho. Podemos observar na pintura de João Barata (s/d), a representação do espaço fronteiro ao Colégio do Espírito Santo (sede da Universidade de Évora), vendo-se em pano de fundo a Torre das Cinco Quinas. Também no Foral Manuelino se pode observar essa torre, que se encontra localizada por detrás do templo romano (figs. 30, 31 e 32).

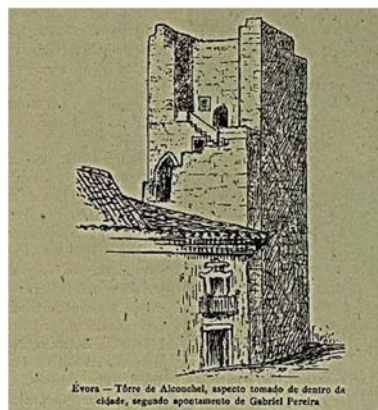


Fig. 27- Desenho de Gabriel Pereira em *Estudos Diversos* (Arqueologia. História. Arte. Etnografia), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934, p.187.

⁴¹ BARATA, António Francisco. *Évora Antiga*. Évora: Minerva Commercial de José Ferreira Baptista, 1909, p. 37 informa sobre algumas personagens ilustres que aí estiveram presas. E PEREIRA, Gabriel. *Estudos Diversos* (Arqueologia. História. Arte. Etnografia), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934, p.187. Desenho em planta da Torre de Alconchel (vários pisos) e desenho de Gabriel Pereira em obra citada, p. 187

⁴² BARATA, António Francisco. *Évora Antiga*. Évora: Minerva Commercial de José Ferreira Baptista, 1909, p. 171

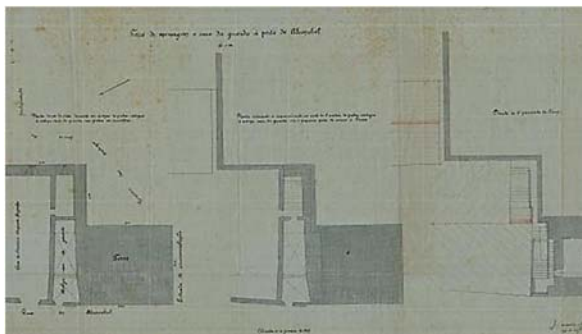


Fig. 28 - Desenho em planta da Torre de Alconchel (vários pisos). Fonte: C.M.E.



Fig. 29 – Torre do Anjo – na antiga rua da Selaria que tinha fronteira outra torre, demolida com a qual constituíam a Porta da Praça Grande.



Fig. 30 – Pintura de João Barata, sem data, representando o Palácio dos Condes de Basto, e ao fundo a Torre das Cinco Quinas. Fonte: Acervo C.M.E.



Fig. 31 – Representação da Torre das Cinco Quinas no Foral Manuelino de Évora. Fonte: Acervo C.M.E.



Fig. 32 – Torre das Cinco Quinas, uma das torres de construção mais remota.



Fig. 33 - Torres de Santa Clara, elevando-se bastante acima do conjunto edificado.



Fig. 34 – Torres do Calvário.

5.2. Religiosas

Torres religiosas – Em Évora, cidade de inúmeras casas religiosas, verificou-se em determinadas épocas, um progressivo abrandamento das regras de recolhimento a que estavam sujeitas as monjas dos mosteiros femininos. Tais conjuntos de edificações passaram a ter “torres de fresco” onde, embora em clausura, poderiam beneficiar não só de ar puro, mas também donde lhes era possível observar⁴³, outros conventos e mosteiros, assim como o espaço urbano em redor. Como exemplos relevantes de torres religiosas podem apontar-se as torres de fresco edificadas no mosteiro de Santa Clara, cenóbio de clausura, com génese no século XV. Também de cariz religioso encontram-se as torres do Convento de Santa Clara (escola pública), a do Convento do Calvário (particular) e a do Convento do Salvador (organismo público).

- Torres de Santa Clara – tem entrada pela Rua de Santa Clara, e nele existem três “torres de fresco”, a última das quais constitui na reformulação funcional da própria torre sineira (Fig. 33).

- Torre do Convento do Calvário – com entrada pelo convento e encontra-se em estado de conservação bastante degradado (Fig.34).

- Torre do Convento do Salvador – inicialmente com funções militares integrando a antiga cerca romana, passou a estar incorporada no edifício do convento. Em bom estado de conservação destaca-se na envolvente do Largo do Sertório (Fig. 35).

5.3. CIVIS

Torres Civis – Tendo sido Évora local de estadia regular da corte portuguesa durante a época medieval⁴⁴, a pequena nobreza local tentou de modo implícito demonstrar o seu prestígio e ascensão social. O embelezamento de palácios e casas senhoriais, com a edificação de pequenas e graciosas torrinhas construídas em alvenaria, foi comum. Tais elementos construtivos integravam uma escada de acesso ao piso superior, só por si solução diferenciadora e sinónimo de poder económico. Tendo sido pontos de referência, assinalados na iconografia antiga da cidade eborense, atualmente persistem como peças de inegável valor estético. Contudo, são difíceis de identificar devido à densificação da malha urbana e, por vezes, acentuadas cérceas da envolvente. Nos casos mais remotos e raros de edificações senhoriais de génese medieva, algumas adotaram a forma das antigas torres defensivas militares, embora funcionando como habitação e refúgio protetor. De alguns exemplos desta tipologia de torres salientam-se:

- O Palácio dos Mendanhas, com a torrinha bem visível no Beco da Carta Velha, nº33, de entrada particular. (Fig. 36)

- Torre medieval situada na Rua Vasco da Gama, nº 8 (particular) (Fig.37).



Fig. 35 – Torre do antigo Convento do Salvador, integrada na malha urbana.

⁴³ Ainda que a distâncias muito longínquas, visto que o espaço envolvente mais próximo era dificilmente observável dadas as características das grelhas de ventilação.

⁴⁴ Nesta época viveu-se um período áureo no que respeita ao desenvolvimento da urbe e da qualidade das edificações que foram erguidas, enquanto a corte estanciou em Évora. Posteriormente a cidade entrou em período de estagnação.



Fig. 36 – Torre dos Mendanhas, de forma cónica envolvida em ameias.



Fig. 37 - Torre medieval da Rua Vasco da Gama.

6. Conclusões

Passaram-se muitos séculos sobre a edificação das torres mais antigas. Sem utilização efetiva, muitas delas caíram no esquecimento. Contudo, dado o seu posicionamento no tecido urbano, de modo generalizado continuam a permitir uma visão magnífica da cidade. Simultaneamente, o seu legado arquitetónico é de inegável valor histórico, donde o interesse em as dar a conhecer e preservar.

A definição da malha urbana através dos primeiros recintos amuralhados, que foram sendo gradualmente preenchidos e substituídos por outros de maiores dimensões que iam abrangendo novas áreas de expansão, são muito evidentes na leitura da cidade. Pontuada por torres das várias naturezas, podem observar-se as sucessivas épocas de construção. Estas evoluções surgem nos documentos cartográficos e iconográficos analisados, e neles se observam as sucessivas construções e configurações diferenciadas ao longo do tempo. Do ponto de vista cronológico é possível também ter essa leitura, o que demonstra a importância dos documentos analisados.

A urbe amuralhada eborense é facilmente entendida a nível urbanístico do alto das suas torres. Com diversificadas origens e fazendo parte do imaginário da cidade, estas assumem, por vezes um papel marcante também na sua leitura paisagística. Torres militares, religiosas e civis, todas elas foram construídas com fins específicos, que iam da defesa da cidade à obtenção ilusória de alguma liberdade, ou até à afirmação social.

7. Bibliografia

AAVV. «Centro Histórico de Évora». *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Lisboa: Vol. 26, 2007

ALBERNAZ, Pedro Teixeira. *Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinan con su frontera...*; A. Coquart. - Escala [ca. 1:870000], Quinze Lieües d'Espagne [18 ao grau] = [10,70 cm]. - A Paris: Chez N. de Fer, 1705-1716. - 1 Mapa, 12 plantas

ALLARD, Carolo, *Portugalliae meridionales plagae : geo-hydrographice descriptie* . Escala [ca 1:720000], 1648?-1709?

BARATA, António Francisco. *Évora Antiga*. Évora: Minerva Commercial de José Ferreira Baptista, 1909

BARROCA, Mário Jorge. *D. Dinis e a arquitetura militar portuguesa*, Revista da Faculdade de Letras, História. Porto, II Série, Vol. XV, Tomo I, 1998

BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha. *Évora na idade média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995

CARVALHO, Afonso de. *Da toponímia de Évora: dos meados do século XII a finais do século XIV*, Lisboa: Colibri, 2004

CARVALHO, José Monteiro de, *Carta geografica da Provincia do Alentejo que A S. Magestade Fidelissima e Augustissima Senhora D. Maria I e Raynha de Portugal oferece o Sargento-mor Engenheiro Jozé Monteiro de Carvalho*. - [Escala não determinada] [entre 1777 e 1780?]. - 1 Mapa : manuscrito, p&b; 133x95, Cota do exemplar digitalizado: d-157-r

ESCUADERO, LP. *Dicionário Visual de Arquitetura*. Lisboa: Quimera, 2014

ESPANCA, Túlio. *Fortificações e Alcaldarias de Évora*. A Cidade de Évora. Évora: nº 9-10, 1945

ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora vol. VII*. Concelho de Évora, vol.I. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966

FARINHA, Bento José de Sousa, *Colleçam das antiguidades da cidade de Évora*. Lisboa: Na Officina de Fellipe da Silva e Azev., 1785

FEIO M.& MARTINS A. *O relevo do Alto Alentejo (traços essenciais)*. Lisboa: Finisterra, XXVIII, 55-56, 1993, pp. 149-199

LANGRES, Nicolau, *Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General Nicolau de Langres Francez que serviu na guerra da Aclamação (Ca 1)*. – (58) f. enc. : 57 desenhos e plantas; 36x 48 cm.

LE PREVOUST, Etienne, *L'abregé de l'art de la guerre, ou l'architecture militaire, contenant les six ordres militaires du comte de Pagan, le chevalier de Ville, Manesson Mallet, Errard, Methode de renforce, les nouveaux sistesmes de Monr de Vauban, avec les plans qui montrent l'offensive, la defencive et les instrumens de l'art de la guerre*, Manuscrit 272, Havre,

1704

LE PREVOUST, Etienne, *L'abregé de l'art de la guerre, ou l'architecture militaire, contenant les six ordres militaires du comte de Pagan, le chevalier de Ville, Manesson Mallet, Errard, Methode de renforce, les nouveaux sistesmes de Monr de Vauban, avec les plans qui montrent l'offensive, la defencive et les instrumens de l'art de la guerre*, Manuscrit 273, Havre,

1705

LIMA, Miguel Pedroso de. *Muralhas e Fortificações de Évora*. Lisboa: Argumentum, 2004

MALLET, Allain Manesson . *Les Travaux de Mars ou L' Art de la Guerre*. Paris: Denys Thierry, 1661, p.321

MONIZ, Manuel de Carvalho. *Évora no passado*. Évora: Tipografia Eborauto, Lda, 1969

PATROCÍNIO, Manuel F.S. *Évora Romana: O legado edificado e a memória antiga*. Revista de História da Arte Nº 4, UNL, IHA, Lisboa, 2007

Planta da Cidade de Évora. - [Escala não determinada] [entre 1750 e 1790?]. - 1 Planta: ms. tinta-da-china e aguadas várias cores; 37,5x46 cm em folha de 38,8x48 cm

PEREIRA, Gabriel. *Estudos Diversos* (Arqueologia. História. Arte. Etnografia), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934

PEREIRA, Gabriel. *Estudos eborenses: historia, arte, arqueologia*. Évora: Minerva Eborensis, 1886 – 1889

PIMENTEL, Luís Serrão, *Methodo Lusitânico de Desenhar as Fortificações das Praças Regulares e Irregulares*. Lisboa: 1680

RIBEIRO, Maria do Carmo. MELO Sousa Arnaldo, O papel dos sistemas defensivos na formação dos tecidos urbanos (Séculos XIII-XVII), *Evolução da paisagem urbana transformação morfológica dos tecidos históricos*, Coord. RIBEIRO, Maria do Carmo. MELO Sousa Arnaldo, Braga: CITCEM, 2013

VAL-FLORES Gustavo Silva. *O Processo Urbano de Évora. Séc. I a.C. – séc. XV*. *Evolução da paisagem urbana transformação morfológica dos tecidos históricos*, Coord. RIBEIRO, Maria do Carmo. MELO Sousa Arnaldo, Braga: CITCEM, 2013

